JVLIO DANTAS

PAÇO DE VEIROS

SOCIEDADE EDITORA PORTVGAL-BRASIL

Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/paodeveiros00dant

PAÇO DE VEIROS

Peça em três actos representada pela primeira vez
no antigo teatro D. Amélia, em 28 de Fevereiro de 1903

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 2.ª edição.
Sonetos (1916) — 4.ª edição.

PROSA

Outros tempos, inquéritos médicos às genealogias reais portuguesas, etc. (1909) — 2.ª edição, ampliada.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 2.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.ª edição, no prelo.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 4.ª edição.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) — 2.ª edição.
Mulheres (1916) — 5.ª edição, no prelo
Êles e Elas (1918) — 3.ª edição.
Espadas e Rosas (1919) — 4.ª edição.
Como elas amam (1920) — 3.ª edição, no prelo.
Abelhas doiradas (1920) — 2.ª edição, no prelo.
Os galos de Apollo (1921).
Arte de amar (1922).
As Grandes Batalhas — No prelo.

TEATRO

O que morreu de amor (1899) — 4.ª edição.
Viriato Trágico (1900) — 2.ª edição.
A Severa (1901) — 4.ª edição.
Crucificados (1902) — 2.ª edição.
A Ceia dos Cardeais (1902) — 24.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) — 4.ª edição.
Paço de Veiros (1903) — 3.ª edição.
Um serão nas Larangeiras (1904) — 4.ª edição, no prelo.
Rei Lear (1906) — 2.ª edição, no prelo.
Rosas de todo o ano (1907) — 9.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) — 5.ª edição.
Auto de El-Rei Seleuco (1908) — 2.ª edição.
Santa Inquisição (1910) — 2.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) — 4.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) — 2.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) — 2.ª edição.
1023 (1914) — 2.ª edição.
Sóror Mariana (1915) — 3.ª edição.
Carlota Joaquina (1919) — 3.ª edição, no prelo.
D. João Tenório (1920).
A Castro (1920).

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição.

JÚLIO DANTAS
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisbôa
Da Academia Brasileira de Letras

PAÇO DE VEIROS

3.ª EDIÇÃO

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 — RUA GARRETT — 60

Reservados todos os direitos de reprodução: em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Português;* no estrangeiro (países da União) em harmonia com a Convenção de Berlim, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de Março de 1911, e a que o Brasil aderiu tambem pela lei n.º 4:541, de 6 de Fevereiro de 1922, e decreto n.º 15.530, de 21 de Junho do mesmo ano. A propriedade desta obra pertence à SOCIEDADE EDITORA PORTUGAL-BRASIL L.DA.

Imprensa PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 100 — LISBOA

FIGURAS

DOM DIOGO DE VEIROS	*Eduardo Brazão*
DOM ARCEBISPO DE ÉVORA	*Augusto Rosa*
CRISTÓVAM	*João Rosa*
DOM MIGUEL DE SOUSA	*Carlos de Oliveira*
DORES	*Rosa Damasceno*
CONDADA	*Amelia O'Sullivana*

No Paço dos senhores de Veiros.
– Arredores de Évora. – Actualidade.

Nota dos editores. — O *Paço de Veiros* está traduzido em alemão e em castelhano, tendo sido esta última tradução, devida ao erudito escritor e catedrático espanhol D. Júlio de Nombela y Campos, publicada nos números 3 e 4 da *Vida Intelectual*, de julho e agosto de 1907. Madame Luise Ey incluiu o primeiro acto do *Paço de Veiros* na sua obra *Neuere portugiesische Schriftsteller, III, Julio Dantas, Dramatische Dichtungen in Prosa und Versen, Heidelberg, 1920.*

PRIMEIRO ACTO

Sala, nuns velhos Paços do princípio do século XVIII. — Tectos apainelados. — Silhares de azulejo, altos, com figuras. — Paredes forradas de sêda carmezim. — Arcas. — Ao meio da scena, um grande tocheiro de ferro, da altura de um homem. — Bufete largo; escanos; cadeiras de roca. — A um canto, uma enorme estante de côro, de talha escura, trazida de algum mosteiro velho. — Por tôda a parte, livros, moedas, códices, documentos dos tombos da família. — Porta ao fundo, dando para um jardim. — Dia de sol.

DOM DIOGO, *vestido duma quinzena de veludo negro, entre moedas velhas e velhos documentos, embevecido.* DORES, *escrevendo, junto da mesa. — Ouve-se um órgão, fora.*

DOM DIOGO, *com uma pequena moeda de oiro entre os dedos, ditando à filha*

Morabitino áureo, ou sôldo de oiro. De vinte e quatro quilates. Escreve. — Pesa setenta e seis grãos.

DORES, *escrevendo*

Setenta e seis grãos.

DOM DIOGO

Deixa-me ver o latim, se está bem. *(Lendo o papel que a filha lhe dá)* — *Sancius Rex Portugalis... In nomine patris et filii... (Dando-lhe o papel, novamente)* Bom. — A História Genealógica?

DORES, *apontando a estante*

Ali, meu pai.

DOM DIOGO, *separando moedas e alinhando códices*

Velharias, velharias! — Ri-se à socapa, o Arcebispo. Nem êle sabe de que ri. Falta-lhe alma para entender estas coisas. *(Para Dores, que se levanta e se aproxima da estante)* Abre em fôlhas cento e dezassete. — Velharias! É que êle não percebeu ainda que a verdadeira vida está nas coisas mortas. Vê, onde diz — morabitinos de oiro de Dom Sancho... *(De repente, num grito selvagem, chamando)* Condada! Condada!

DORES, *indo chamar*

Condada!

CONDADA, *assomando*

Meu senhor.

DOM DIOGO

Dize ao Cristóvam que não toque. Estou a trabalhar. Faz-me mal à cabeça. *(De novo à filha, tranqüilo, emquanto a Condada sai)* Vê... Páginas cento e dezassete... — Sempre o órgão! Sempre o órgão!

DORES, *folheando o livro*

Coitado... Em que se há de êle entreter?

DOM DIOGO

Leia, trabalhe!

DORES

Se êle é cego, meu pai...

DOM DIOGO, *caindo em si*

É verdade. — Porque será que eu nunca me lembro de que o Cristóvam cegou?

CRISTÓVAM, *assomando ao fundo, seguido de Condada, que o encaminha*

O senhor Dom Diogo, Condada?

DOM DIOGO, *indo ao encontro do cego*

Aqui. Estou aqui, Cristóvam. Tem paciência. Fazia-me mal à cabeça.

CRISTÓVAM

Perdôe-me.

DOM DIOGO

Senta-te. — Dá-lhe uma cadeira, Condada.

CRISTÓVAM, *à Condada, que o ajuda a assentar-se*

Obrigado. *(A Dom Diogo)* Não sabia que estava trabalhando. Julguei-o no jardim, não sei porquê. — O senhor Arcebispo ainda não veio?

DOM DIOGO

Não deve tardar. — Ainda estou com as moedas que vieram de Leiria. Catalogando, pondo tudo em ordem. A Dores tem-me ajudado.

CRISTÓVAM, *dolorosamente*

Se eu podesse...

DOM DIOGO

Sabes quem me faz falta? É o Dom Miguel. Dantes, vinha quási tôdas as noites. Agora, até

lhe vou estranhando a ausência. *(Para a filha)* Estará êle zangado?

DORES, *folheando nervosamente o livro*

Não sei porquê, meu pai.

CRISTÓVAM, *levantando-se*

A Dores estava aí? Perdôe. *(Apertando a mão de Dores, que vai ao seu encontro)* É que eu não vejo.

DORES

Já nos tínhamos falado, hoje.

DOM DIOGO

Gosto daquele rapaz. Excelente carácter. Amigo das coisas velhas. É dos meus. E depois, sabe o seu bocado de numismática. Bastante erudito. Rapazes daqueles, vão rareando. — Há quantos dias não vem êle cá? Lembras-te, Dores?

DORES, *que finge olhar as páginas do livro*

Há oito dias, meu pai.

DOM DIOGO

Já perguntei por êle ao Arcebispo, mas não há quem o veja. *(A Dores)* Encontraste?

DORES, *lendo*

Morabitinos de oiro d'El-Rei D. Sancho...

DOM DIOGO, *curvando-se sôbre a estante*

Isso mesmo. Deixa ver.

DORES, *encaminhando-se para junto de Cristóvam, emquanto Dom Diogo lê*

Ainda não lhe perguntei se estava melhor, Cristóvam.

CRISTÓVAM, *dolorosamente*

Melhor. Sim, estou melhor. Apenas cego. Saüdades do sol. Saüdades de mim mesmo. Saüdades de tudo. Ainda se eu podesse ler, distrair o espírito... Mas não. Nem sei para que me servem os olhos. Para chorar. Só se fôr para chorar.

DORES, *pondo a almofada da renda de bilros sôbre um tamborete*

Deus lhe dê resignação.

CRISTÓVAM

Ser cego é o menos. Ser inútil é que me custa muito. Sabe, Dores? Ás vezes, penso que os cegos não teem o direito de viver.

DOM DIOGO, *Interrompendo a leitura*

Não digas isso, Cristóvam. Não digas isso. Basta um pensamento grande para encher uma vida!

CRISTÓVAM

Ah, senhor Dom Diogo... Eu chego a ter mêdo do meu próprio pensamento!

DORES

Que lhe disse o médico, em Lisboa?

CRISTÓVAM

Disse-me que eu estava expiando os pecados de meu pai.

DORES

De seu pai? Então é justo que os filhos sofram pelos pecados dos pais?

DOM DIOGO, *arrastando a filha para um canto, o olhar desvairado, as mãos trémulas*

É. É justo. Nem mais uma palavra sôbre isso! É justo.

CRISTÓVAM

É a vontade de Deus.

CONDADA, *assomando à porta*

Vem aí a sege do senhor Arcebispo.

DOM DIOGO

Ah! — O Dom Arcebispo, naturalmente, entra pelo jardim. — Manda abrir o portão, Condada. *(Para Dores)* Eu vou recebê-lo. *(Sai pelo fundo).*

DORES

Teria sido um crime, o que eu disse?

CRISTÓVAM

Não. Mas desagradou a seu pai.

DORES

É sempre assim. Não posso falar, quási que não posso pensar. — E porquê? Porque é meu pai assim para mim? Que mal lhe faço eu? Vivo com ê e desde que nasci, há mais de trinta anos... E ainda não o compreendo. Não diz uma palavra que não seja repassada de mistério. Ás vezes, de repente, olha-me com uma expressão de rancor, que gela. Outras vezes, molha-me as mãos de lágrimas, cobre-me de beijos, chora-me nos braços... E eu fico a olhá-lo, espantada, sem saber que mal lhe fiz, sem saber porque êle sofre, sem saber de que dôr o hei de consolar...

CRISTÓVAM

Console-o da dôr de viver, que é a de tôda a humanidade. E não errará.

CONDADA, *entrando*

Minha menina...

CRISTÓVAM

O senhor Arcebispo, Condada?

CONDADA

No jardim, a ver os craveiros. Venho buscar o chapéu do senhor Dom Diogo.

DORES

Vai, anda. *(Continuando, a Cristóvam)* Porque a verdade é que eu não mereço isto de meu pai. Sacrifiquei a minha mocidade a acompanhá-lo. Envelheci... Creia-me, Cristóvam. Envelheci, a vê-lo envelhecer... E eu tinha o direito de viver e de ser feliz como as outras. Tinha êsse direito. E resignei-o.

CONDADA, *saindo, pelo fundo, e levando o chapéu*

A cabeça ao sol... Depois, se lhe faz mal...

CRISTÓVAM

Resignou-o? — Mas não está disposta, Dores, a sacrificar-se por muito tempo.

DORES, *estremecendo*

Porque diz isso?

CRISTÓVAM

Estes Paços antigos não a envelheceram tanto, que a sua alma não tivesse conhecido o amor...

DORES

O que quer dizer, Cristóvam?

CRISTÓVAM

Perdôe. Mas não é por mal que lho digo. Basta que eu sofra, para saber respeitar o sofrimento dos outros. Sou padre. Temos vivido como irmãos. A um irmão e a um padre, que direitos se negam?

DORES

Tudo quanto o Cristóvam conhece da minha vida é um sacrifício constante a meu pai. Nada mais sabe. Nada mais pode saber.

CRISTÓVAM

Sei. Oiça, Dores. — A janela do meu quarto deita para o muro. Nesse muro, sôbre a estrada, há um mirante de rótulas verdes. Eu conheço-o bem. Era onde passava as tardes, antes de cegar, vendo o sol. — Ontem, altas horas da noite, ainda não tinha adormecido. Não podia. Um mundo de coisas a referver-me na cabeça... A minha cegueira, a idea de que vivo à esmola de seu pai...

DORES, *num protesto piedoso*

Oh! Cristóvam...

CRISTÓVAM

Sim, à esmola... De que sou uma bôca inútil, um inválido, uma sombra... De que cheguei à morte sem ter vivido... Tôda esta amargura me subia à garganta, num soluço. Quis chorar. Não pude. Revolvia-me no leito, crispava os dedos na minha carne, emquanto lá fora, lentamente, num sino triste, iam batendo as horas. Eu sentia... Sentia que do fundo de todo o meu ser ia surgir um grito de revolta... Revolta contra a natureza, revolta contra meu pai, revolta contra Deus. Mas de repente, em baixo, as rótulas do mirante abriram-se, e no silêncio da noite, tão distintamente como se fôsse aos meus ouvidos, uma voz doce, uma voz angélica chamou: Miguel! Miguel!

DORES, *erguendo-se*

Ouviu? Ouviu, Cristóvam?

CRISTÓVAM

Dom Miguel pouco falava. Era a sua voz só que eu ouvia, Dores... Palavras de amor, duma tão sagrada pureza, de tanta unção, que eu fiquei immóvel, num êxtase, as fontes latejando, e a sua figura branca apareceu à minha cegueira, cercada de oiro como num resplendor...

Tinha sonhado, muita vez, ouvir duma bôca de mulher palavras assim. Ergui-me, aproximei-me da janela, e tremendo, com as lágrimas a caírem-me pela cara, ouvi... ouvi longamente, comovidamente, como se essas palavras de amor fôssem para mim, para mim só... *(Tacteando e tomando-lhe as mãos)* Obrigado, Dores... Obrigado!

ARCEBISPO, *seguido de Dom Diogo, entrando, muito alegre, com uma braçada de cravos*

Dores! Dores! Olha que quantidade de cravos já abertos... Vê!

DORES, *beijando-lhe o anel*

Dom Arcebispo.

ARCEBISPO, *ao cego, que lhe toma a mão, tacteando, e a beija*

Cristóvam... Vejam como são lindos! Grandes, como os melhores de Sevilha! *(A Dom Diogo)* Para que queria você os canteiros, homem, se não lhe punha flôres?

DOM DIOGO

Para que os queria? Ora essa! Porque teem uns riquíssimos azulejos.

ARCEBISPO

Mas nem uma flôr! Foi preciso que eu viesse cavar a terra, semear, para haver cravos nesta casa! *(Metendo-lhe os cravos debaixo dos olhos)* Mas realmente, homem, você não acha isto bonito?

DOM DIOGO, *bisonho, folheando papéis*

Prefiro os azulejos.

ARCEBISPO

Pudera! Sempre a ruminar nas coisas mortas. Pois a beleza é isto! A vida é isto! Deus é isto! Que linda côr, Cristóvam... Vê! *(Reparando em que fala a um cego)* Ah! — Também, o que tem de melhor é o cheiro...

DORES, *piedosamente, dando um ramo de cravos a cheirar ao Cristóvam*

Cheiram bem, não cheiram?

CRISTÓVAM, *dolorosamente*

Gostava mais de os ver.

ARCEBISPO, *falando para Dom Diogo, que se conserva de costas, junto à estante*

Mal empregado tempo! Porque, afinal, estou a semeá-los no seu jardim e podia-os semear no

meu. *(Vendo-o sentar-se, triste)* Amuou. — Pois olhe que lhe hei de abrir os olhos para as coisas belas! É uma obra de caridade. *(Aproximando-se de Dom Diogo)* Tome lá um cravinho.

DOM DIOGO

Agradecido.

ARCEBISPO

Fique sabendo que não lhe ia nada mal, na quinzena de veludo. Você em môço era um bonito rapaz. Mas agora, com essa mania das moedas, parece que anda alcachinado.

DOM DIOGO, *empertigando-se*

Não é das moedas. É da idade.

ARCEBISPO

A apostar que já massou hoje a pequena, com as suas numismáticas? Não é verdade, Dores? *(A um sorriso de Dores)* Ora! Eu não disse! Aquelas lindas mãos a enxovalharem-se em cobre desenterrado, em reais de prata, em barbudas de Dom Fernando, nessas coisas bárbaras de que o senhor sabe o nome melhor do que eu, e que devia mandar derreter em vintens e tostões

para dar aos pobres, se fôsse uma alma bem formada!

DOM DIOGO

Oh! Arcebispo!

ARCEBISPO

Sim, senhor! Se fôsse uma alma bem formada! É isto que lhe digo.

DOM DIOGO

Não me tente, homem... Não me tente, que eu não estou hoje de bom humor.

ARCEBISPO, *pondo-lhe um cravo ao peito*

Tome lá sempre o cravinho. — Vê? Vê, como lhe fica bem?

DOM DIOGO

Ora, que você me estrague os canteiros com os cravos, vá... Mas que faça pouco de mim, Arcebispo!

ARCEBISPO

Não é verdade que fica bonito, Dores? *(Arrastando Dom Diogo para um escano, e obrigan-*

do-o a sentar-se junto dêle) Ora venha cá. Sente-se aqui. Quero conversar comsigo, por causa dum protegido meu, um pobre rapaz...

DOM DIOGO

Hum! É sempre assim. Quer que o ouça a respeito do seu protegido, e não teve ainda duas palavras para me dizer do meu!

ARCEBISPO, *recordando-se*

Ah! Tem razão... — O Cristóvam! — Você arrelia-me com os azulejos, logo que eu entro! Esqueci-me. — *(Ao Cristóvam)* Parabens, Cristóvam.

CRISTÓVAM, *erguendo-se, na sombra*

Senhor Arcebispo?

ARCEBISPO

Falei ao chantre. Ficas organista na Sé. *(Abraçando-o)* Dá cá um abraço.

CRISTÓVAM, *beijando o anel do Arcebispo, numa grande alegria*

Oh! Senhor Arcebispo... Senhor Dom Diogo... Já não sou um inútil! Dores... Vou dizer à Condada...

DORES, *guiando-o*

Eu vou comsigo, Cristóvam.

DOM DIOGO, *comovido, abraçando o Arcebispo*

Deus lhe pague.

ARCEBISPO, *fazendo-lhe festas na cara, como a uma criança*

Velhinho! Velhinho!

Dores e Cristóvam saem pela direita.

DOM DIOGO

Foi uma alegria para o cego.

ARCEBISPO

Coitado! — Pois também eu gostava de fazer a felicidade doutro pobre rapaz... Um pequeno de dezoito anos, cheio de talento.

DOM DIOGO

Seminarista?

ARCEBISPO

Pintor.

DOM DIOGO, *com certo desdém*

Ah... Pintor.

ARCEBISPO

Acabou o curso da Academia. Tem o desvairamento da pintura sacra. Queria mandá-lo a Roma, ver museus, coisas, estudar. Mas para isso é precisa uma pensão. Ora eu já dou tanta esmola a tanta gente, que não posso talvez sòzinho custear tôdas as despesas. Você dava metade, eu dava outra metade, e o rapaz ia a Roma.

DOM DIOGO

Oh, Arcebispo! Com o maior prazer. O rapaz fica por minha conta. Dou-lhe eu a pensão inteira.

ARCEBISPO, *apertando-lhe a mão*

Obrigado. Apenas metade.

DOM DIOGO

É êle honesto, não é assim? Se o não fôsse, nem o Arcebispo se interessava por êle.

ARCEBISPO

Honesto, trabalhador e muito desgraçado. A mãe abandonou-o em pequeno. O pai morreu há dias, no Pôrto, na cadeia da Relação.

DOM DIOGO, *erguendo-se*

Na cadeia?

ARCEBISPO

Uns roubos, umas coisas... Desgraças.

DOM DIOGO

O filho dum ladrão! Então o Arcebispo vem pedir-me pelo filho dum ladrão?

ARCEBISPO

É um rapaz digno!

DOM DIOGO

Digno? O pai roubou, — êle há de roubar como o pai! Não, não, Arcebispo. O dito por não dito. Não conte comigo para proteger ladrões.

ARCEBISPO

Mas não se trata do pai. Trata-se do filho...

DOM DIOGO

Antes deitar o dinheiro à rua! Ladrões, não. Não conte comigo.

ARCEBISPO, *com mágoa*

Bem. Não contarei. Mas repare que está sendo injusto. Vai prejudicar o futuro duma criança. Não irá, ao menos emquanto eu viver. Mas olhe que um juízo dessa ordem é uma crueldade. Conhece-o? Pode negar que êle seja um rapaz digno? Que sabe da vida dêle? De que roubos o acusa?

DOM DIOGO

Se não roubou, roubará. A não ser que consiga estrangular o pai dentro de si mesmo!

ARCEBISPO, *erguendo-se*

Mas com que direito faz o senhor uma afirmação dessas?

DOM DIOGO, *violento*

Com que direito? *(Caindo sôbre a cadeira, a cabeça apertada nas mãos)* Oh, não! Não! Não prossigamos, Arcebispo! Vamos cair num problema que não discutimos há trinta anos. E Deus me livre... Deus me livre, entendeu? Deus me livre de dizer agora uma palavra só que recorde o passado. Bem sabe! Bem sabe, Arcebispo! Tôda a história dêstes Paços, desta família... Estremecemos de horror nos braços

um do outro... Chorámos... Arcebispo, Arcebispo! Não duvide nunca. Os mortos vivem dentro de nós. Dentro de nós!

ARCEBISPO, *vendo entrar a pequena, pela direita, com um hábito de S. Francisco nas mãos*

Pelo amor de Deus. Olhe a pequena...

CONDADA, *entrando pelo fundo*

Senhor Dom Diogo... É o senhor Dom Miguel!

DOM DIOGO, *levantando-se, numa alegria brusca*

O Dom Miguel? Ainda bem que veio! *(Saindo a cantarolar as palavras, arrastando a Condada)* Vamos buscar as moedas, Condada... Buscar as moedas...

ARCEBISPO, *a Dores*

Veio o Dom Miguel. Já teu pai tem com quem caturrar. *(Reparando na perturbação de Dores)* Estás tão còrada, pequena? Que tens tu?

DORES, *olhando para trás, instintivamente, e dobrando o hábito*

Nada, Dom Arcebispo. A Condada acabou de limpar o hábito. Tinha muitas traças.

ARCEBISPO

Ah! É o hábito do tio frade... Como está velhinho! *(Beijando-o)* Já dois séculos, não é? *(Reparando ainda na perturbação de Dores)* Mas que tens tu, Dores?

DORES, *disfarçando*

Muito velhinho... Veja, Dom Arcebispo. Aqui à luz. O que a traça lhe tem feito! Parece uma renda...

DOM MIGUEL, *entrando, pelo fundo*

Oh, senhor Arcebispo... Que felicidade encontrá-lo aqui!

ARCEBISPO, *voltando-se*

Viva! Como tu vens bonito!

DOM MIGUEL, *cumprimentando Dores*

Minha senhora... *(Beijando o anel do Arcebispo)* Venho agora dos seus Paços, senhor Arcebispo.

ARCEBISPO

Querias falar-me?

DOM MIGUEL, *comovido*

Muito.

ARCEBISPO, *retendo-lhe a mão*

Tens a mão trémula, rapaz. Que é isso?

DOM MIGUEL, *ao Arcebispo, olhando Dores*

Preciso muito de lhe falar.

ARCEBISPO, *seguindo o olhar de Dom Miguel e reparando na perturbação crescente de Dores*

Mas eu estranho-te... Eu estranho-os a ambos! *(De repente, compreendendo)* Dores! — Ai, que eu nunca tinha pensado...! *(Abraçando-a, com tristeza)* Minha pobre Dores!

DORES, *com as lágrimas nos olhos, ao Arcebispo*

É muito meu amigo, não é? Diga-me que é muito meu amigo... Diga...

ARCEBISPO

Se tu és um anjo! *(Limpando uma lágrima)* Pobre velho!

DOM DIOGO, *de dentro, chamando*

Dores!

DORES

Meu pai.

DOM DIOGO, *ainda de dentro*

Onde estão uns papéis, que eu aqui tinha...?

DORES, *saindo pela esquerda*

Que papéis?

ARCEBISPO, *atravessando a scena e indo sentar-se junto da mesa, abatido*

E não ter eu pensado que isto mais tarde ou mais cedo havia de acontecer!

DOM MIGUEL

Aqui tem, senhor Arcebispo, porque eu o procurei hoje nos seus Paços. Queria que fôsse o primeiro a saber tudo. Que estivesse já nesta casa quando eu chegasse...

ARCEBISPO

Para quê? *(Tomando a mão de Dom Miguel e olhando-o)* Que vens tu fazer?

DOM MIGUEL

Pedir a mão de Dores.

ARCEBISPO

Hoje! *(Dolorosamente)* Já hoje?

DOM MIGUEL

Compreendi que não poderia continuar a mentir e a ocultar uma coisa que não há motivo algum para que se oculte. Prometi a mim mesmo que não voltaria aqui, senão no dia em que me resolvesse a pedir ao senhor Dom Diogo a mão de sua filha. Levei oito dias a decidir-me. Resolvi que fôsse hoje, e aqui estou. Suplico-lhe, senhor Arcebispo... Não sei porquê, pressinto dificuldades e amarguras. Interceda pela nossa causa. Fale ao senhor Dom Diogo antes de eu lhe falar...

ARCEBISPO

Não. Não posso, meus filhos. Não posso. Baptizei-os a ambos... Deus sabe se eu gostaria de os casar! Mas não posso. *(Os olhos vagos, como quem segue um pensamento doloroso)* Nem uma palavra... Não posso.

DOM DIOGO, *entrando, cheio de manuscritos e de sacos de moedas, seguido de Dores*

Ora dê cá um abraço, ande, dê cá um abraço! Então que ausência foi esta?

DOM MIGUEL, *desculpando-se*

Oh! Senhor Dom Diogo... Não imagina. Trabalho, mil coisas...

DOM DIOGO

Nem ao menos um bocadinho à noite! A qualquer hora que fôsse! E eu aqui, à sua espera! A falar em si todos os dias, a tôdas as horas... Não é verdade, Dores? Onde estará o Dom Miguel? Que será feito do Dom Miguel? Aquele ingrato do Dom Miguel! E nada de aparecer! Ah, rapazes, rapazes! *(Mostrando-lhe moedas de oiro, que despeja sôbre a mesa)* Veja. Tudo isto é novo. Preciosidades achadas numas escavações de Leiria. Morabitinos de oiro, que valem cincoenta mil réis cada um! Veja... A quem havia eu de mostrar estas coisas? Ao Arcebispo? Hum! O Arcebispo! *(Indicando o Arcebispo, que se assentou, há momentos, numa atitude de reflexão)* Ali onde o vê, quási que me bateu ainda agora, por eu lhe dizer que não gostava de cravos. E quando não me bate, chega-me cada maçada sôbre socialismo católico e sôbre a última encíclica de Sua Santidade, que ainda levo todo o dia seguinte a abrir a bôca!

ARCEBISPO

Homem! Você a queixar-se das maçadas dos outros, tem graça! Eu aqui muito calado, você a falar, e o maçador sou eu!

DOM DIOGO

Podera! Naturalmente costuma receber as suas visitas sem dar palavra.

ARCEBISPO, *falando-lhe de costas, sentado*

Olhe... É como o senhor me recebe a mim, muitas vezes. Com o nariz em cima dos livros. É a maior escândola que tenho sua. Quando eu entro — viva, Arcebispo! — e ninguém mais o ouve.

DOM DIOGO, *rindo para Dom Miguel e olhando o Arcebispo*

Ciúmes... Tem ciúmes!

ARCEBISPO

Ao menos, quem me vale é a pequena... Sim, que também não pense que é por si que eu cá venho. É por ela. Só por ela. Fique sabendo.

DOM DIOGO, *assustado com o ar lastimoso do Arcebispo, vindo até junto dêle, pé ante pé, e falando-lhe quási ao ouvido*

Você está zangado, ó Arcebispo?

ARCEBISPO, *a Dom Diogo, com ternura, rindo*

Pateta! — *(A Dom Miguel)* Não há remedio senão dizer-lhe que tudo isso é muito bonito, Dom Miguel, senão êle fica triste. É uma criança!

DOM MIGUEL, *que tem estado a namorar Dores por detrás das costas dos velhos, descobrindo sôbre a mesa o hábito do frade*

Estava agora vendo uma coisa curiosa... Êste hábito.

DOM DIOGO

Ah! O hábito do tio Frei António. Então tu deixas isto por cima das mesas, Dores?

DORES, *desculpando-se*

Eu vinha para o guardar. Meu pai chamou-me...

ARCEBISPO

Você chamou-a lá de dentro...

DOM DIOGO

Êste hábito é a mais santa relíquia desta casa, Dom Miguel. Pertenceu a Frei António de Jesus, meu tio.

DOM MIGUEL

Franciscano?

DOM DIOGO

Franciscano. Teve a morte dos inocentes e dos justos. — Admira que eu nunca lhe tivesse falado nisto. — Enforcou-se.

DOM MIGUEL, *com espanto*

Um frade?

DOM DIOGO

No cordão do hábito. Êsse mesmo, que Dom Miguel tem nas mãos. Depois da morte do santo, terra onde êsse cordão tocasse, tôda se abria em rosas. — Dores... Onde está o livro de Frei Fernão da Soledade?

DORES, *tirando um livro duma estante*

Aqui, meu pai.

DOM DIOGO

Abre na página onde vem a morte de teu tio. E lê. Lê tu, para o Dom Miguel ouvir.

DORES, *escusando-se*

Oh! Meu pai...

DOM DIOGO, *para Dores*

Lê.—*(A Dom Miguel)*. É uma das maiores devoções da Dores... Ela e a Condada cuidam daquele burel como da própria alma.— Lê, filha, lê.

DORES, *lendo*

"Era Frei António de Jesus frade copista do convento, e tendo as mãos tôdas cobertas de chagas por uma cruel enfermidade, com elas fazia tais prodígios nas cópias de muitas obras de devoção, que no mosteiro lhe chamavam Frei António das lindas mãos. Um dia o acusaram duma grave falta que êle não cometera, e o martirizaram com jejuns e penitências, e o privaram do côro. E sabendo Frei António quem fôra o verdadeiro culpado, nunca a sua bôca se abriu, e em um ano que viveu ainda, não dizia mais do que estas palavras: Bem sabeis, Senhor, que estou inocente. — Cada

dia que passava lhe dobravam os martírios e jejuns, e o santo frade, numa hora de humana fraqueza, com as mesmas tintas com que pintava as letras cabiduais dum livro, escreveu nas paredes de sua cela: Morro, meu Deus, porque não me acreditaram. — E quando a cabeça lhe pendeu na agonia, debaixo dos seus pés abriram rosas.»

ARCEBISPO, *olhando a pequena, que pousa o livro no regaço, comovida*

Tens lágrimas nos olhos, Dores?

DORES

Ah! Senhor Arcebispo... É que deve ser muito triste não nos acreditarem!

DOM DIOGO

E foi com êste hábito que êle morreu. Meu avô quis ainda ver se beatificavam o pobre frade, mas houve dificuldades na cúria romana.

ARCEBISPO

Suicida...

DOM DIOGO

Basta que êle seja santo para nós. *(Reparando em D. Miguel, que olha enlevadamente*

Dores) Mas o Dom Miguel parece-me hoje distraído, fora das coisas da terra...

DOM MIGUEL

Não, senhor Dom Diogo. Estou ouvindo.

ARCEBISPO, *assentando-se junto de Dores, que se entretem com a almofada da renda*

Ainda me hás de ensinar a fazer renda de bilros.

DORES, *rindo*

Ao Senhor Arcebispo?

DOM DIOGO, *a Dom Miguel*

E não sei se sabe, que sôbre aquela nossa velha questão de morabitino e maravedi, encontrei uns documentos preciosos de que tirei cópia. O testamento do bispo Dom Julião e umas doações ao mosteiro de Sozelo. Estão aqui. *(desdobra uns papéis)* Prova-se, nem mais nem menos, que antes de haver morabitinos em Espanha, já havia maravedis nas terras que hoje são de Portugal. — Ora há de ler, e diga-me depois o que lhe parece.

DOM MIGUEL, *distraído a olhar Dores, respondendo maquinalmente*

É exacto.

DOM DIOGO, *olhando-o muito espantado*

É exacto? É exacto, o quê? Ora essa! Bem digo eu que você está hoje distraído.

DOM MIGUEL, *desculpando-se*

Não, distraído não, Senhor Dom Diogo, É que...

DOM DIOGO

Tem alguma coisa que o preocupe?

DOM MIGUEL, *hesitando*

Qualquer coisa, efectivamente.

DOM DIOGO

Homem, diga-me. Sabe que sou seu amigo.

ARCEBISPO, *a Dores*

Depois, êste bilro... E depois?

DORES, *que olha Dom Miguel, por detrás das costas do Arcebispo, deixando cair os bilros*

Ah, Senhor Arcebispo... Não me pergunte mais, que já errei tudo...

DOM MIGUEL

Quero falar-lhe um instante a sós, senhor Dom Diogo.

DOM DIOGO

Tão grande coisa é, que o Arcebispo não possa ouvir? *(reparando na Dores)* Ah... Tem razão. Não me lembrava da pequena.

ARCEBISPO, *baixo, a Dores*

Sabes o que Dom Miguel vai pedir a teu pai?

DORES

Sei, senhor Arcebispo.

ARCEBISPO, *a Dom Diogo*

Eu vou, com a Dores, ver os cravos. *(A Dores)* Vamos, pequena... Quero que tragas no peito os mais lindos do jardim! — Cravo rôxo no teu peito... *(De novo, a Dom Diogo, ao sair com a Dores)* Deus o ilumine, homem, Deus o ilumine!

DOM DIOGO, *vendo-os sair, para Dom Miguel*

Você percebeu o Arcebispo? — Cravo rôxo no teu peito... — Nem eu. Está variado. *(Pu-*

xando uma cadeira) Ora sente-se aqui, ande. — Então que temos?

DOM MIGUEL, *depois duma hesitação*

O senhor Dom Diogo conhece a minha vida. Sabe que não tenho família... Que vivo só.

DOM DIOGO

Nunca está só quem pensa. Você devia dar um belo frade. Devia... Mas já não há conventos. Tiram-nos tudo quanto é grande. Deus lhes perdôe. — Mas diga lá, ande. Diga lá.

DOM MIGUEL

Vivo só. Uma criada velha, uns Paços velhos... Sôbre a porta há uma pedra de armas. Preconceitos, coisas... A minha família tem seguido sempre a linha de varonia... Queria deixar o meu nome a um filho.

DOM DIOGO, *rindo*

A um filho natural. — É fácil.

DOM MIGUEL

Perdão. A um filho legítimo.

DOM DIOGO

Isso é mais sério. Pensa então em casar-se?

DOM MIGUEL

É sôbre isso que venho falar-lhe, senhor Dom Diogo.

DOM DIOGO

Pedir o meu conselho? Obrigado. Olhe... Pode ser mau. Mas é o conselho dum velho que tem sofrido. Não se case. A sua geração acabará em si. Melhor. Ninguém mais sofre.

DOM MIGUEL

Viver, nem sempre é sofrer.

DOM DIOGO, *dolorosamente*

Quási sempre... Sempre. — Sabe o que é difícil? É a escolha da mulher que será mãe dêsse filho.

DOM MIGUEL

Já a escolhi.

DOM DIOGO

Escolheu? Deus o faça feliz. A si e a ela. Dom Miguel merece-o. É um carácter. Eu conheço-o bem. E sabe porque? Porque conheci muito seu pai. Um fidalgo às direitas! Ainda me parece que o estou vendo, nas Côrtes, ao lado do Passos Manoel, com a sua casaca de briche e a sua gravata de três voltas... Ai, tempos, tempos! Era um grande coração, seu pai. É também por isso que eu sou seu amigo.

DOM MIGUEL

Meu pai... — Dizem que me pareço muito com êle.

DOM DIOGO, *olhando Dom Miguel*

Os mesmos olhos... Os cabelos. Muito. É êle, que está dentro de si a falar-me. Bom velho! Bom velho! Quando o abraço, Dom Miguel, sinto que é seu pai que eu estou abraçando.

DOM MIGUEL

Se vivesse, seria êle a fazer-lhe o pedido que lhe vou fazer agora...

DOM DIOGO

Um pedido?

DOM MIGUEL

Peço-lhe, senhor Dom Diogo, a mão de sua filha.

DOM DIOGO, *olhando Dom Miguel, quási com pavor, recuando até a uma cadeira, e caindo abatido, a cabeça entre as mãos*

A minha filha... A minha filha! *(Erguendo-se bruscamente, vindo até junto de Dom Miguel, as mãos trémulas, a voz rouca)* Não! Não! Não! *(De novo, num abatimento, caindo em lágrimas sôbre o escanó)* Deu-me agora a maior dôr que me podia ter dado.

DOM MIGUEL, *chelo de espanto*

Mas porquê, senhor Dom Diogo?

DOM DIOGO

Não a esperava de si. Peço-lhe, Dom Miguel... Se um dia foi meu amigo, se um dia lhe mereci alguma piedade, peço-lhe que nunca mais me fale em minha filha.

DOM MIGUEL, *numa natural expressão de dignidade*

Mas, senhor Dom Diogo... Vejamos. Estas coisas não se tratam assim entre fidalgos. Fiz-lhe um pedido que tinha o direito de lhe fazer.

Responde-me com uma recusa. Essa recusa deve ter motivos. Falemos serenamente. Que motivos são êsses? O senhor Dom Diogo tem uma filha que é a sua única família. Compreende que a não venho roubar ao seu amor de pai. Ficaríamos os dois vivendo nestes Paços, junto de si, cercando-o da mesma estima e da mesma adoração. Como vê, por êsse lado não se justifica a sua recusa. Também se não trata por certo duma questão de nobreza. A minha família é tão antiga e tão nobre como a sua. Muito menos se tratará duma questão de bens. O senhor Dom Diogo conhece os rendimentos da minha casa. Vencida a demanda dos vínculos da Ega e de Vimaredo, devem mesmo exceder os seus. Quanto ao meu carácter, a sua bondade acaba de mo reconhecer digno da memória de meu pai. Pergunto: porque razão me nega a mão de sua filha?

DOM DIOGO, *numa aparência tranqüila*

Porque lha não posso dar.

DOM MIGUEL

Mas, senhor Dom Diogo, isso não é motivo.

DOM DIOGO

Porque lha não devo dar.

DOM MIGUEL, *pálido*

Julga-me então indigno dela?

DOM DIOGO

Não seja criança. Bem sabe. A sua nobreza, a sua posição, o seu carácter, falam bem alto, para satisfazer um pai ainda mais exigente do que eu. Dom Miguel honrava a nossa casa e honrava minha filha. Bem sabe.

DOM MIGUEL

Nesse caso, como se explica a sua recusa?

DOM DIOGO

Muito simplesmente. Já lho disse. Não lhe dou minha filha, porque lha não posso dar.

DOM MIGUEL

Mas, se o senhor Dom Diogo me reconhece digno de ser marido de sua filha, e me nega a sua mão, então... é porque é ela, que...

DOM DIOGO, *erguendo-se*

Dom Miguel!

DOM MIGUEL

É o que se conclue.

DOM DIOGO

Não. Minha filha é tão pura como aquele sol. Tão pura, como na hora em que nasceu. Se é a noção vulgar de pureza que torna uma mulher digna de se unir a um homem, minha filha é digna de si. Mas não lha posso dar. *(Com lágrimas na voz)* Suplico-lhe, Dom Miguel... Faça-me a esmola de a esquecer... Faça-me essa esmola, meu filho. Veja que tem um velho a chorar-lhe nos braços... Esqueça-a... Não pense mais nela...

DOM MIGUEL

Não. Não é com lágrimas que estas coisas se resolvem, senhor Dom Diogo! É com razões. — Se não há motivos que se oponham ao meu casamento com sua filha, êsse casamento há de fazer-se. Ela é maior. Há o recurso da justiça.

DOM DIOGO

Isso é um desafio?

DOM MIGUEL

Não. É a defesa da minha felicidade.

DOM DIOGO

Há de arrepender-se da aspereza com que me fala. Há de arrepender-se, quando souber tudo. É justamente porque quero muito à minha filha, e porque também lhe quero muito, Dom Miguel, que eu lhe peço que a esqueça, que tenha dó de mim...

DOM MIGUEL

Quando souber tudo? Mas que mistério é êsse? Repare, senhor Dom Diogo, que está tratando com criaturas humanas e não com sombras criadas pelo seu espírito. Se eu mereço sua filha, se sua filha me merece a mim, se nenhum motivo grave, nem mesmo a consideração de qualquer preconceito, se opõe a êste casamento, para que vai o senhor Dom Diogo obrigar-me a recorrer a uma violência extrema?

DOM DIOGO

Bem. Está dito. Quer saber os motivos da minha recusa, não é assim? Olhe... O que lhe juro, é que depois de os ouvir fugirá muitas léguas para longe daqui. *(A um gesto de Dom Miguel)* Não. Não lhos direi agora. Tenho a minha alma em tanta turbação, que nem eu me

entenderia a mim mesmo. Venha cá. Ouça-me. Prepare a sua alma para uma grande dôr. Quando se sentir com fôrça bastante para sofrer, previna-me em duas palavras. Ámanhã, depois, quando quiser. Espero-o na parte desabitada dêstes Paços. Saberá tudo, então. Mas agora poupe-me, Dom Miguel, que eu tenho um soluço na garganta e já mal posso falar. Vá. Olhe... Não se despeça dela. É um conselho. Não se despeça dela... E não me queira mal... Meu filho! *(Abraçando-o)* Eu tinha-o num logar tão escolhido do meu coração...

DOM MIGUEL

Senhor Dom Diogo, eu cumpro as suas ordens. Voltarei àmanhã. E espero que levaremos êste negócio até ao fim, como fidalgos.

DOM DIOGO

Como criaturas que sofrem. *(Apertando-lhe a mão, comovidamente)* Adeus.

Dom Miguel sai pelo fundo. Dom Diogo fica, abatido, curvado sôbre o escano

---

ARCEBISPO, *entrando, passado um instante*

Então que significa isto? Dom Miguel saíu daqui com as lágrimas nos olhos. Passou por pé de nós, sem nos dizer palavra...

DOM DOIGO, *levantando-se de repente, numa expressão bárbara de loucura, os braços erguidos numa imprecação*

Arcebispo! Arcebispo! Mande dobrar os sinos! Suba à varanda da sua Sé e grite ao povo que Deus mente, que Deus gera criaturas imperfeitas, que Deus é criminoso!

ARCEBISPO, *com veemência*

Velho! Cale-se!

DOM DIOGO, *caindo sôbre uma cadeira, os olhos vagos, as mãos convulsas*

Mande dobrar os sinos! Mande dobrar os sinos!

CAI O PANO

SEGUNDO ACTO

Uma camara do Paço de Veiros, há muitos anos desabitada. — Arco resguardado por uma tapeçaria, dando para uma alcova de sêda carmesim, com leito alto de bilros. — Tectos de oiro, com pinturas. — Arcas. — Pelas paredes, grandes retratos nobres, de muiher. — Num oratório, um Cristo enorme. — Perto, um cravo holandês. — Pelo chão, cadeiras derrubadas. — Porta ao fundo. — É dia de sol, mas as janelas estão cerrados. A escuridão completa.

DOM DIOGO, *entrando, cheio de pavor, uma luz na mão*

Há trinta anos!

ARCEBISPO, *seguindo Dom Diogo, a tatear*

Trinta anos!

DOM DIOGO

Tenho frio nos ossos, Arcebispo. *(Guiando o Arcebispo, que tropeça nos móveis)* E a sua mão treme.

ARCEBISPO

Falta o ar.

DOM DIOGO

Fechado há tanto tempo... (*Atirando ao chão o ferro partido duma chave*) A chave que se quebrou. Estava roída de ferrugem. — E eu que pensei nunca mais abrir aquela porta!

ARCEBISPO, *estremecendo*

Se essa luz se apagasse...?

DOM DIOGO

Já preveni a Condada. Em chegando o Dom Miguel, que o trouxesse para aqui. A pobre velha estremeceu. A sua figura pálida, diante de mim, oscilou como uma sombra.

ARCEBISPO

Era melhor abrir as janelas. Deixar entrar o sol.

DOM DIOGO, *com horror*

O sol!

ARCEBISPO

Está um dia lindo, lá fora. As amendoeiras floridas batem nestas janelas... *(Estremecendo, de novo)* Se essa luz se apagasse...?

DOM DIOGO

O sol não entrará nesta casa emquanto eu viver.—Lembra-se? E, entretanto, eu fui feliz, aqui dentro! Eu ri... Ri, Arcebispo! Eu ri entre estas quatro paredes! E estes móveis, e estas pinturas, tudo riu, tudo amou comigo! Dentro das cortinas daquele leito, chamei glória de amar à maior das mentiras humanas, — e ri, e gritei a todo o mundo: colhei o beijo na bôca da mulher, ó criaturas que passais! *(Relanceando os olhos pela casa, o candieiro erguido na mão)* Lembra-se, Arcebispo? Era naquele cravo que ela tocava a cavatina de Marcos Portugal. Por aquele escabelo que subia ao leito... Áquele Cristo, que as suas mãos se levantavam... As lindas mãos dela, tôdas cheias de joias. E o seu perfume enchia o Paço inteiro... E todo eu ria, todo eu cantava, quando a sua voz me chamava de longe: — Diogo! Diogo! *(Erguendo-se bruscamente, cheio de horror, a cabeça apertada nas mãos)* Arcebispo! É a voz dela que eu ouço! É a voz dela que

eu tenho nos ouvidos! Tire-me esta voz de dentro de mim... Arcebispo! Arcebispo!

ARCEBISPO, *transido*

A misericórdia de Deus é infinita. *(Erguendo-se e aproximando-se do velho)* Sossegue. Para quê, desenterrar um passado doloroso? Que fazemos nós aqui? Seja razoável. Porque não vamos, na minha sege, esperar Dom Miguel ao caminho? Está um lindo dia. Abrem rosas pela estrada...

DOM DIOGO

Se lhe falta coragem, Arcebispo, deixe-me só.

ARCEBISPO

Não. Bem sabe que nunca o deixei só, fôsse em que momento fôsse da vida. — Mas repare. O que tem de dizer a êsse pobre rapaz, não se torna nem mais justo nem mais humano por ser dito aqui dentro.

DOM DIOGO

O Arcebispo não conhece os homens. — Dom Miguel só chegará a compreender-me, quando tiver sentido o mesmo pavor que eu sinto agora.

ARCEBISPO

Não é o pavor dos mortos que convence. São as razões dos vivos. E as suas razões, perdôe-me que lhe diga, parecem nascidas no espírito dum louco.

DOM DIOGO, *levantando-se*

Arcebispo!

ARCEBISPO

É preciso entendermo-nos. Há trinta anos que respeito a sua dôr, a desgraça desta família, o segrêdo dêstes Paços. Hoje, tem de ouvir-me. Trata-se da felicidade de sua filha, e eu quero a essa criança como não quis ainda a mais ninguém no mundo . . . Como se ela fôsse minha filha, mais ainda do que minha filha, porque lhe quero mais de que o senhor.—Quando a baptizei, já ela não tinha mãe. Lembro-me ainda, como se fôsse hoje. Baptizei-a no regaço da Condada. Estava cheia de rendas, e as suas mãosinhas, muito côr-de-rosa, brincavam com o sol que entrava pela Igreja... Nascera mulher. Vira a luz nestes Paços. Tanto bastava para que ela fôsse uma existencia condenada ao sofrimento. Quando a ungi no peito, vi-a muito contente, a rir para mim... *Ego te lineo, oleo*

salutis! E as lágrimas caíam-me pela cara, a quatro e quatro. Nesse momento, jurei defendê-la... É em nome dessas lágrimas que a defendo agora, velho! Em nome das lágrimas que chorei. Em nome do amor que lhe tenho. É preciso que êste casamento se faça.

DOM DIOGO

A sua alma caíu em turbação! Pois o Arcebispo duvida ainda do meu amor de pai? O Arcebispo não sabe que é a vida da minha filha que eu venho defender aqui? Não sabe! Não sabe!

ARCEBISPO

Perdôe. Procuro apenas mostrar-lhe a justiça e a humanidade das coisas. Todos aqueles que descem a este vale de lágrimas teem o direito de amar e de ser felizes. E, se a todos se deve reconhecer êsse direito, muito mais a uma filha.

DOM DIOGO

E em que livro santo leu o Arcebispo que o amor conduz à felicidade?

ARCEBISPO

Se não conduz à felicidade, é porque não é amor.

CONDADA, *assomando ao fundo*

O senhor Dom Miguel.

ARCEBISPO

O que vai dizer a êsse pobre rapaz?

DOM DIOGO

A verdade.

DOM MIGUEL, *entrando, a tatear*

Senhor Dom Diogo...

DOM DIOGO, *indo ao encontro de Dom Miguel*

Dom Miguel... Aqui. Estou aqui.

DOM MIGUEL

Perdôe. Não se vê nada.

DOM DIOGO

Não admira. Vem do sol. *(Desviando-o)* Olhe essa arca... É melhor sentar-se aí mesmo.

ARCEBISPO, *estendendo a mão a Dom Miguel, que o não vê, e se conserva de pé junto à arca*

Como estás, Miguel?

DOM MIGUEL

Oh! Senhor Arcebispo... Também me esperava? *(Estremecendo)* Quási sem luz... Parece que morreu alguém nesta casa.

DOM DIOGO

Morreu. — Mas foi há muito tempo. Há trinta anos. *(Notando a perturbação de Dom Miguel)* Não estranhe. Recebo-o como lhe prometi, na parte desabitada dos meus Paços. Tudo isto está cheio de sombras... *(Numa alucinação)* Estendo os braços, e encontro sombras. Sombras familiares... Sombras... Palpitam em volta de mim, passam entre os meus dedos, arrepelam-se, soluçam... Sombras... Sombras! *(Numa transição brusca, serenamente)* É uma casa histórica. Olhe... Estes tectos foram pintados por um bisavô meu, corregedor do Cível da Côrte, no tempo da senhora Dona Carlota Joaquina. Enlouqueceu, quando acabava de os pintar. — Logo vê, em se acostumando mais à escuridão. — Também tive loucos na família... *(De novo, num gesto vago e alucinado)* Por tôda a parte, por todos os cantos... Sombras... Sombras...

DOM MIGUEL, *levantando-se, pálido*

Senhor Dom Diogo. Se podéssemos sair

daqui, por um instante... Sinto a cabeça um pouco perturbada.

DOM DIOGO

Falta de luz. Talvez acendendo os outros bicos... Lembra-se de ter notado, um dia, que não havia nos meus Paços senão retratos de homens? Pois agora, se olhar em volta destas paredes, só encontra retratos de mulheres. — *(Acendendo os outros dois bicos do candieiro)* Já tem mais luz. Deve ver melhor. *(Encarando-o)* Está pálido. — Chamo a sua atenção para todos estes retratos...

DOM MIGUEL, *interrompendo*

Perdão, senhor Dom Diogo. Eu venho apenas saber o motivo porque me recusou a mão de sua filha. O resto não me interessa. *(Ao Arcebispo)* Vossa Excelência, senhor Arcebispo, foi capelão dêstes Paços e é um grande amigo desta família. Peço-lhe que me diga se algum impedimento canónico ou civil se opõe ao meu casamento.

ARCEBISPO

Nenhum.

DOM MIGUEL

Não tinha, por conseguinte, dúvida em nos casar? (*Notando a hesitação do Arcebispo*) O senhor Arcebispo hesita?

ARCEBISPO, *depois duma luta interior*

Não. Nenhuma dúvida.

DOM DIOGO

O Arcebispo mediu bem a responsabilidade do que acaba de dizer?

ARCEBISPO

O destino das criaturas está na mão de Deus.

DOM MIGUEL

Mas que mistério é êste? (*Tomando as mãos do Arcebispo*) O senhor Arcebispo estremeceu.

ARCEBISPO, *levantando-se, perturbado*

É melhor sairmos daqui.

DOM DIOGO, *tomando o passo a Dom Miguel*

Não. É preciso que saiba tudo. (*Levantando o candieiro de três bicos à altura dos retratos*)

Vê estes retratos, Dom Miguel? Foram, nos últimos dois séculos, tôdas as donatárias dêstes Paços. — Não sei se algum dia lhe disse que, nesta família, o Paço de Veiros era o morgado das filhas primogénitas. Por morte dos pais, e apesar da letra em contrário das Ordenações, ficavam vivendo aqui, com tôdas as rendas e prazos, contanto que se casassem dentro da família. Houve sempre filhas. Por conseguinte, estes Paços tiveram sempre as suas donatárias. — Eu chego a luz. Veja bem. Que semelhança! Dir-se-iam retratos diferentes da mesma mulher. Não conhece alguem, muito parecido?

DOM MIGUEL

Sua filha...

DOM DIOGO

A minha filha. É minha filha a última das donatárias. *(Apontando os retratos da direita)* Ali, são as avós. *(Com um estremecimento de pavor, apontando outro retrato isolado, sem o olhar)* Aquela é a mãe. — Repare... A mesma pureza, o mesmo ar angélico, a mesma luz sobrenatural que as circunda, que as envolve... Parece que trouxeram para a terra um pouco do céu. — E entretanto, entretanto, Dom Miguel, tôdas elas taraiçoaram! Uma vez casadas, tôdas seguiram

o mesmo caminho de abominação e de desonra! Tôdas! Da primeira à última. Tôdas. Tôdas. *(Erguendo mais a luz)* Veja... A semelhança é tão extraordinária, que minha filha parece a ressurreição destas mortas. — Não parece. É. *(Numa voz misteriosa)* Que somos nós todos? Ressurreições... Ressurreições! Que sou eu, que é o senhor, que somos nós, criaturas visíveis, senão um mundo de criaturas invisíveis? Dom Miguel nunca sentiu, dentro de si mesmo, duas almas, três almas intrusas que falam ao mesmo tempo, que discutem, que decidem dos seus passos, das suas acções, da sua existência? São os mortos, que continuam dentro de nós a sua vida implacável, que nos empurram fatalmente para o mesmo destino... Os mortos! — Compreende agora porque lhe não dei a minha filha... Tôdas atraiçoaram! Tem a traição no sangue. Há de atraiçoar também!

ARCEBISPO, *levantando-se, num gesto grandioso*

Não! Ninguém tem o direito de julgar criminosa uma criatura só porque nasceu de criminosos, e não é justo fazer cair sôbre os filhos as culpas dos pais!

DOM DIOGO

Era o que o Arcebispo me dizia há trinta anos! Lembra-se? Nas vésperas do meu casa-

mento, lá baixo, na capela, quando eu já estava decidido a fugir, a deixar tudo. Disse-me da mãe o que me diz agora da filha. E a mãe atraiçoou. Não, não...! O Arcebispo esquece que perdeu o direito de me aconselhar!

DOM MIGUEL, *que tem ouvido, numa perturbação crescente*

Mas se o senhor Dom Diogo sabia a fatalidade que pesava sôbre esta família, para que se casou?

DOM DIOGO

Porque minha mulher não teve um pai capaz de me dizer a mim o que eu lhe estou dizendo agora. Não teve. Era um velho, Ouvidor do Conselho do Infantado, paralítico e demente. Eu ia fazer quarenta anos. Má idade para paixões. Éramos primos. Ninguém me desviou. Casei. *(Os olhos vagos, como recordando)* Casei... — Nos primeiros tempos, sabe lá como eu fui feliz, Dom Miguel! Cheguei a cuidar que isto já era o céu, por prémio doutra vida! Lembra-se, Arcebispo? Os nossos serões! Ela tocava deliciosamente cravo. O Arcebispo fazia-nos companhia. Que tranqüilidade! A gavota de Haydn subia como um incenso a estes tectos doirados, e eu chorava de felicidade, e caía nos seus braços, e beijava-o, Arcebispo, e sentia ten-

tações de subir a essas varandas e de gritar a todo o mundo: — Olhem! Há felicidade na terra! Há amor na terra! *(Erguendo-se, numa expressão de pavor)* Mas um dia, — um dia, dentro dela, a mãe ressuscitou. Tinha de ser. Eram as mãos pálidas das mortas que a empurravam para a traição e para a mentira. Certa noite, quando eu entrava com o Arcebispo, escoou-se uma sombra para o jardim. Persegui-a. Ouvi bolir a folhagem dum caramanchão de azulejos. Depois o silêncio... Ninguém. Passou-se tempo. Mais tarde, tive a certeza. A espantosa certeza! A maldita certeza! Andei pelos campos, como um doido, soluçando, mordendo as mãos, estalando de dôr, uivando como uma fera. Havia Lausperenne na Sé, e os sinos tocavam, em festa. Quis fugir, meter pela estrada, desaparecer... Não pude. Quando entrei nesta casa, senti dentro de mim, claramente, a ruína de toda a humanidade. Ela dormia, naquele leito... Dormia... Os cabelos louros espalhados sôbre a travesseira... Pensei em rezar, ajoelhar-me, pedir a Deus misericórdia para ela. Mas os sinos tocavam, lá fora... Subiu-me à cabeça uma onda de sangue. A mão crispou-se-me num ferro. Atirei-me de encontro ao leito, como um animal, e então, Deus de piedade! — feri ao acaso, às cegas, não sei por onde... O ferro cravava-se, rangia nos ossos,

resvalava, e a voz dela implorava na agonia: Diogo! Diogo! E eu feria mais, feria sempre! Já não era uma mulher que eu estava matando. Era uma geração inteira. Era tôda a mentira humana! Depois caí... Caí desfalecido, manchei a cara de sangue, — e quando voltei a mim, gelado de pavor, com os cabelos em pé, agarrei o cadáver pelos braços, arrastei-o, desci as escadas... As pernas tremiam-me, via luzes a bailarem-me nos olhos, tilintavam-me sinos dentro dos ouvidos... *(Numa grande violência)* Não, não, Dom Miguel! Eu, que sei o que sofri, não lhe dou a minha filha. A mãe atraiçoou como as outras. Ela há de atraiçoar como a mãe! *(Cambaliando)* Não, não!

ARCEBISPO, *que o ampara*

Dom Diogo!

DOM DIOGO

E desde então, há trinta anos, sinto-a sempre, vejo-a sempre entre os meus braços... E surge-me das sombras, e fala-me, e soluça, e levanta as mãos convulsas para mim... *(Dando com o vulto da filha, que tem entrado há tempo, ouve tudo e permanece, hirta)* Além! além! Arcebispo! — A morta! A morta!

ARCEBISPO

Dôres! Dôres!

DOM DIOGO, *reconhecendo Dôres*

Filha!

DORES, *surgindo da sombra, numa serenidade trágica*

Ouvi tudo. Tudo. E veja a tranqüilidade com que o ouvi: nem uma lágrima! Se conhece um pouco as criaturas humanas, deve compreender, por esta impassibilidade, que dentro de mim alguma coisa morreu.

DOM DIOGO

Ah! Para que abri eu aquela porta! — Filha! Minha filha!

DORES

Jogava-se aqui dentro a minha felicidade e a minha vida. Venho defender-me. É uma coisa que não se nega ao último criminoso: a defesa!

ARCEBISPO, *numa súplica*

Dôres! Pelo amor de Deus! Dôres!

DORES

Que culpa tive eu de nascer? Que culpa? Diga-me, senhor Arcebispo... Que culpa tive

eu de nascer? Para que me criaram? Se meu pai sabia que era miserável a vida que me dava, — para que ma deu? Para que me atirou para um mundo onde eu não podia ser feliz? Para quê? Se algum de nós é criminoso, não sou eu, que nasci por culpa dos outros, — é meu pai, que me fêz nascer! — É ao senhor que eu peço contas. Para que criou uma vida condenada? Que prazer foi o seu em gerar a dôr e o sofrimento? Com que direito me fêz existir a mim? Com que direito?

DOM DIOGO, *erguendo-se, numa violência*

Arcebispo! A minha filha ofende-me! — Leve-a daqui. Eu não quero ouvir mais! — Leve-a daqui!

ARCEBISPO, *querendo arrastá-la*

Dôres!

DORES

Não, senhor Arcebispo. *(Para Dom Diogo, dolorosamente)* Devolvo a meu pai a vida que me deu, e, com ela, todo o amor que lhe tive. *(A Dom Miguel)* Dom Miguel... Creio que me conhece, que me julga incapaz de atraiçoar, de mentir, de faltar à fé jurada. Apesar de tudo quanto ouviu a meu pai, está disposto a ser

meu marido? (*Dom Miguel conserva-se cheio de terror, a cabeça entre as mãos, sem uma palavra)* Não responde?

ARCEBISPO

Dom Miguel!

DORES, *com infinita dôr*

Compreendi. — Não, senhor Arcebispo! Não foi só minha mãe a assassinada. Fui eu, também!

DOM DIOGO, *vendo que Dôres se afasta, e correndo para ela*

Filha! Filha! Minha filha! *(Esbarra com a arca. O candiciro de três bicos cai no chão. A luz apaga-se. Escuridão completa).* Ah! Luzes! Luzes! Condada! Luzes!

ARCEBISPO

Abram essas janelas!

Dôres sai pelo fundo. O Arcebispo corre a uma das janelas. Dom Miguel conserva-se imóvel, silencioso, transido.

CRISTÓVAM, *entrando, em seguida à Condada, a tactear*

Que foi? Que foi?

ARCEBISPO, *abrindo as janelas e fazendo entrar o sol*

O sol!

DOM DIOGO, *com horror, correndo para a janela, os braços erguidos, como a impedir a entrada da luz*

O sol!

CRISTÓVAM, *dolorosamente, sem compreender*

O sol, Condada! Por tôda a parte, o sol!

CAI O PANO

TERCEIRO ACTO

No mesmo scenário do primeiro acto. — De noite. — Vê-se, pela porta do fundo, o céu todo estrelado.

Ao levantar o pano, Cristóvam está sentado junto da mesa, numa atitude dolorosa. A luz dum candieiro de três bicos bate-lhe na cara.

ARCEBISPO, *assomando, ao fundo*

Cristóvam!

CRISTÓVAM, *erguendo-se*

Ah! É o senhor Arcebispo?

ARCEBISPO

Que é feito do Dom Diogo?

CRISTÓVAM, *beijando o anel do Arcebispo*

Lá em baixo, na capela.

ARCEBISPO

A estas horas?

CRISTÓVAM

Separando umas pinturas sacras e umas imagens, que vão ser removidas não sei para onde.

ARCEBISPO, *estranhando*

Removidas? Não me disse nada.

CRISTÓVAM

Talvez para os Paços da Mitra.

ARCEBISPO

Coisas daquela cabeça. Eu já vou ter com êle. *(Vendo o hábito sôbre a mesa)* Ainda êste pobre hábito aqui está! *(Encaminhando-se para a porta da esquerda)* E a Dôres?

CRISTÓVAM

Mandou-me dizer, pela Condada, que a esperasse aqui. Mas soube agora que estava sossegando.

ARCEBISPO

Deixá-la, coitadita. Deve ter sofrido muito. *(Dirigindo-se para o fundo)* Olha, Cristóvam... Logo que ela apareça, manda a Condada lá baixo à capela. *(Indo para sair e dando com Dom Miguel, que entra)* Dom Miguel!

DOM MIGUEL, *pousando o chapéu e beijando o anel do Arcebispo*

Senhor Arcebispo... *(Dirigindo-se ao encontro do cego)* Padre Cristóvam.

ARCEBISPO

Tu, aqui?

DOM MIGUEL

Nunca é tarde para cumprir um dever. Procurei-o de dia na Sé. Procurei-o há pouco nos seus Paços. Disseram-me que estava aqui. Venho falar-lhe, senhor Arcebispo.

ARCEBISPO, *arrastando uma cadeira e sentando-se, emquanto o cego tacteia as portas, e sai*

Dize. Sabes que te quero como a um filho. Posso estar magoado e triste... Mas não é comtigo. É o destino. É a fatalidade das coisas.

DOM MIGUEL

Não, senhor Arcebispo. Por maior que seja a sua bondade e o seu perdão, não conseguem levantar-me, aos meus próprios olhos. A minha atitude de ontem, neste tristíssimo incidente, foi duma incorrecção e duma covardia absolutamente indignas do meu carácter.

ARCEBISPO, *interrompendo*

Mas vejamos, Miguel. Vejamos...

DOM MIGUEL

Venho dar-lhe as explicações que lhe devo, senhor Arcebispo. Naquele momento, eu estava dominado por uma tão profunda impressão de pavor, que perdi inteiramente a consciência do meu dever de homem e de fidalgo. Fizeram-me uma pergunta. Respondi com um silêncio ofensivo e cruel. Ora o senhor Arcebispo, que conhece o meu carácter, sabe como eu teria respondido, se estivesse, como agora, absolutamente de posse de tôda a lucidez do meu espírito. — A-pesar de tudo, a despeito de tudo, estou decidido a casar, e imediatamente.

ARCEBISPO, *comovido*

Nem outra coisa se podia esperar de ti. Deste-me agora uma grande alegria, Miguel! *(Apertando-lhe a mão)* Obrigado, meu filho.

DOM MIGUEL, *notando-lhe a comoção*

Senhor Arcebispo...

ARCEBISPO

Pobre Dôres! Se tu soubesses como eu lhe quero! *(Depois dum momento, olhando Dom Miguel)* Mas é preciso entendermo-nos. Tu não casas por dever. Tu casas por amor.

DOM MIGUEL

Por amor e por dever, senhor Arcebispo.

ARCEBISPO

Tens então, dentro da tua alma, a fé necessária para dar êste passo? Sim... Porque tu compreendes... Uma dúvida que persistisse no teu espírito, era uma tortura para ambos. É preciso que tu confies na pureza dessa criança, na sua nobreza de sentimentos, que reco-

nheças bem claramente quanto há de injusto em condenar uma criatura por crimes que não cometeu. Do pecado todos nós nascemos, e nem por isso andamos pelo mundo a voltar as costas uns aos outros. Êsse pobre velho tem a razão perturbada pela idade e pelo sofrimento. Ora a felicidade de duas criaturas que vivem, e sentem, e amam, e padecem, não pode estar, de modo algum, sujeita à filosofia dum louco.

DOM MIGUEL

Mas diga-me, senhor Arcebispo. É ou não verdade tudo quanto o senhor Dom Diogo nos disse a respeito das donátarias dêstes Paços?

ARCEBISPO

Sim. É tudo verdade.

DOM MIGUEL, *amargamente*

Por conseguinte, estamos em presença dum louco que diz verdades. Sempre é um pouco mais sério. — Isto não quer dizer que eu hesite um momento em seguir o caminho que me impus. De modo algum. Basta conhecer a Dôres, vê-la, falar com ela um instante, para se ter

desde logo a certeza de que está ali uma alma incapaz de traições e de mentiras. E entretanto, eu sinto, senhor Arcebispo, que nunca mais poderei olhar para ela, sem ver ao mesmo tempo todos aqueles retratos. Que pasmosa semelhança! Se a abominação ressurgisse com a fatalidade com que ressurgiu a beleza, — oh, senhor Arcebispo, Deus tivesse compaixão de nós!

ARCEBISPO, *com mágoa*

O teu espírito oscila entre duas dúvidas. Falta-te a fé. Nesse caso, Miguel, o melhor é cada um seguir o seu destino.

DOM MIGUEL

Mas se eu a amo, senhor Arcebispo... Se eu a amo! E vão lá entender a natureza humana! Depois que soube todo o horror desta família, a figura da Dôres, até aí serêna e transparente, enevoou-se dum tamanho mistério, que, se eu ontem a amava muito, hoje amo-a mil vezes mais. E não sei porquê. Procuro dentro de mim mesmo a razão disto e não a encontro, e perco-me na escuridão do meu pensamento, como um cego...

ARCEBISPO

Ouve. Eu não te posso aconselhar. Dum conselho meu, dado uma noite, lá baixo, na capela, nasceu a Dôres. Não quero que outra vez, duma palavra minha, nasça alguém condenado a sofrer. Pensa. Se a traição da mãe e das avós é motivo suficiente para que a não julgues digna de ser tua mulher, — vai, não voltes a estes Paços, deixa-a sofrer e morrer tranqüila. Mas se, apesar de tudo, quiseres unir o teu destino ao dela, verás então, Miguel, como eu abençôo, sem hesitações e sem dúvidas, essa união a que não se opõem nem o direito de Deus nem o direito dos homens. *(Depois dum silêncio)* Pensa, meu filho. Fala-lhe. É preciso que ela ouça tudo o que me disseste agora...

DOM MIGUEL

Ponho nas suas mãos a minha felicidade, senhor Arcebispo. A Dôres não me ouviria, a mim, serenamente. Só a sua autoridade pode defender-me e justificar-me perante ela. O senhor Arcebispo baptisou-nos a ambos. Basta a sua bênção para nos tornar felizes.

ARCEBISPO, *muito alegre, abraçando-o*

Meu rapaz! Meu rapaz! *(Limpando uma lágrima e rindo ao mesmo tempo)* Tudo se arranjará,

descansa. — E aqui está em que um prelado respeitável passa os dias. No jardim, a entreter-se com os cravos, e em casa, com os amores dos meninos!

DOM MIGUEL

Quanto ao senhor Dom Diogo...

DOM DIOGO, *entrando, pálido, a barba revôlta num geito bárbaro, os olhos vagos, sobraçando dois castiçais de prata dourada e qualquer outro objecto de culto*

Arcebispo! *(Pousando os castiçais sôbre a mesa)* Preciso que desça comigo à capela. Estou lá a separar umas coisas. Quero que as veja.

ARCEBISPO

Já o Cristóvam me tinha dito.

DOM DIOGO, *encaminhando-se para o fundo, para sair*

Então, venha. *(Dando de repente com Dom Miguel, que ficou encostado à estante, do outro lado da scena)* Ah! Dom Miguel! — Não me preveniram da sua entrada. *(Vendo que Dom Miguel se lhe dirige, com um sorriso)* Pois ainda é meu amigo?

DOM MIGUEL

Nem há motivo para que o não seja, senhor Dom Diogo.

DOM DIOGO, *abraçando-o, dolorosamente*

Meu pobre Miguel! — Eu já não tenho filha! Renegou do meu amor de pai... Renegou-me, Arcebispo! *(Deixando-se cair sôbre um tamborete, junto da mesa)* Já não tenho filha!

DOM MIGUEL, *amparando-o*

Senhor Dom Diogo... Então...

ARCEBISPO

Tem uma filha que sofre. A piedade humana há de ensiná-la a perdoar-lhe.

DOM DIOGO

A perdoar-me, o quê? O crime de a ter feito nascer? Mas, Arcebispo, o criminoso não fui eu... O criminoso foi Deus!

ARCEBISPO, *com energia*

Velho! Blasfémias, não!

DOM DIOGO

Pois se Deus via que eu ia gerar uma criatura imperfeita, porque razão não fêz infecunda a mãe? Porque razão? *(Resignadamente, alinhando sôbre a mesa os castiçais)* Acabou-se. — Dois castiçais para o Cristóvam. Tinha-lhos prometido. O resto está lá em baixo. Para você ver, Arcebispo. Se quiser também a talha doirada dos altares, mande-a arrancar. Um dos retábulos é do Vieira Lusitano. Era pena que se perdesse. Leve tudo para a sua capela.

ARCEBISPO

Mas que idea foi essa?

DOM DIOGO

Tôda a gente que tem vivido nestes Paços foi desgraçada. Vou mandá-los arrazar. Fugir daqui, para muitas léguas. O Arcebispo disse ontem que queria à minha filha mais do que eu. Leve-a comsigo. Proteja-a. Administre o que de direito lhe pertence da sua fortuna. Eu vou sòzinho. Acabaram-se para mim todos os afectos humanos. Sou uma criatura árida e selvagem. Que vou fazer? Sei lá! Atar umas varas de burel em volta do corpo, e meter-me numa

cova, como o filósofo, a pensar nos destinos da fera humana. Sòzinho! Vou ver de longe a humanidade. — Já não tenho filha! Já não tenho ninguém... Ninguém!

ARCEBISPO, *com sentimento*

E eu? Como os velhos são ingratos! E eu? — Olhemos as coisas, com lucidez e com bom senso. Antes de tudo, estes Paços não são apenas seus. São também de sua filha. Não pode mandá-los arrazar sem o consentimento dela. E para quê, arrazar uma casa, se é tão simples abandoná-la e cerrar-lhe as portas? Dir-me-há que mais nenhuma das suas propriedades está em estado de ser habitada. Convenho. Mas os Paços da Mitra são enormes. Porque não vai viver comigo?

DOM DIOGO

E a minha filha? *(Dolorosamente)* Ai, Arcebispo! Arcebispo! Pois não sabe que ela nunca mais poderá beijar-me as mãos, sem as ver tintas do sangue da mãe!

ARCEBISPO

Sua filha escusa de viver comnosco. Viverá com o marido.

DOM DIOGO, *cheio de espanto*

Com o marido? *(Encarando Dom Miguel, interrogativamente, quási com horror)* Dom Miguel! Pois o Dom Miguel casa com a minha filha?

DOM MIGUEL

Senhor Dom Diogo... Eu pensei, reflecti uma noite inteira em tudo quanto me disse, e estou decidido a casar-me. Empenhei neste amor os meus afectos de homem e a minha honra de fidalgo. Bem vê. Não tenho outro caminho a seguir.

DOM DIOGO, *depois de ter medido de alto a baixo Dom Miguel, como uma criatura que para êle morreu*

Arcebispo! Espero-o na capela. *(A Dom Miguel)* Case... Case. Dou-lhe a minha filha, e, com ela, o direito de a matar. — Deus sabe que fiz quanto pude para salvá-la, para a conservar a meu lado, pura de tôda a mácula, como um luminoso resgate da impureza das outras. Mas não... *(Caminhando para o fundo)* A dôr desta família há de ser eterna. Acabará com o mundo. Sigam o seu destino! — Espero-o na ca-

pela, Arcebispo... — Já não tenho filha! *(Saíndo, num soluço)* Como a obra de Deus é imperfeita! Como a obra de Deus é imperfeita!

ARCEBISPO, *dando uns passos em seguimento do velho, comovidamente, chamando*

Dom Diogo! Dom Diogo! *(Suspendendo, e voltando a assentar-se numa cadeira, emquanto Dom Miguel se conserva junto da mesa, a cabeça entre as mãos)* Pobre velho!

DOM MIGUEL

Pensei nisto tôda a noite. Levei-a em claro. Parece que sentia ainda os sinos nos ouvidos... *(Erguendo a cabeça)* Mas diga-me, senhor Arcebispo. Como foi possível ter-se praticado um crime de morte nesta casa, sem a intervenção da justiça?

ARCEBISPO

A justiça não soube dêsse crime. Houve alguém que o encobriu com a sua autoridade de padre. Alguém, que dará contas disso a Deus.

DOM MIGUEL, *olhando o Arcebispo, tìmidamente*

O senhor Arcebispo?

ARCEBISPO

Eu. Fui eu.—Perante a lei, sou um cúmplice. Mas há alguma coisa que deve ser superior aos códigos e às leis. É a piedade humana. Havia nesta casa uma criança, a rir num berço. Uma pobre criança que não tinha culpa dos crimes dos pais. Era preciso salvá-la de mais uma infâmia. Foi a Condada, e o pai dêste cego, do Cristóvam, que me ajudaram. Faltava alguém que se prestasse a passar uma certidão de óbito. Veio um cirurgião, António de Quevedo. Morreu pouco depois. Parece que o estou a ver. Um velho de sobrecasaca de briche, a barba rala, uma caixa de oiro entre os dedos... Que sinistra comédia! Depois, o segrêdo, o remorso... A primeira missa que eu disse na capela, em seguida ao crime, não calculas, que horror! Diante de mim, no retábulo do altar, havia uma grande pintura do Juízo Final. Criaturas sombrias, implorando, com os braços crispados, erguidos para a luz. Eu não podia despregar os olhos delas. Ia levantar a hóstia a Deus, e parecia-me também que as minhas mãos estavam tintas de sangue... E todas

aquelas figuras se soltavam da tela, e surgiam, e tomavam vulto, e começavam a envolver-me, numa ronda infernal, a arrepelar-me a casula com as mãos descarnadas... A hóstia rolou-me sôbre o altar, achei-me indigno de oficiar a Deus, e caí de joelhos, numa súplica, transido de pavor, como se o assassino tivesse sido eu... — Misericórdia! Misericórdia!

CONDADA, *assomando pela esquerda, e chamando, baixinho*

Cristóvam. *(Vendo o Arcebispo)* Ah! senhor Arcebispo..

ARCEBISPO, *erguendo a cabeça*

Condada... *(Para Dom Miguel, como querendo afastar recordações dolorosas)* Mas tudo isto passou. Resta-me dar contas a Deus. — Olha, Condada. Vai dizer à Dôres que eu quero falar-lhe. — *(A Dom Miguel)* Tu esperas-me nos meus Paços, Miguel. Tens lá em baixo a sege. Mete-te nela e vai. Depois, manda-ma outra vez. Eu já lá vou também. *(Reflectindo)* Não.. Já, não. Passo ainda pela Sé.

DOM MIGUEL, *erguendo-se*

Pela Sé?

ARCEBISPO

Há Lausperenne. Mas sigo logo para os Paços.

DOM MIGUEL

A minha vida fica nas suas mãos, senhor Arcebispo. Agora, que já não temos a oposição do senhor Dom Diogo, parece que está tudo resolvido. Não é verdade?

ARCEBISPO, *emquanto Dom Miguel lhe beija o anel*

Vai, vai descançado, meu rapaz.— Crianças! Crianças!

Dom Miguel sai pelo fundo.

ARCEBISPO, *que fica sôbre o escano, numa atitude de reflexão*

É bem certo que o amor é mais forte do que a morte... *(Vendo surgir a figura pálida de Dôres)* Dôres!

DORES

Senhor Arcebispo...

ARCEBISPO, *indo-lhe ao encontro*

Minha filha... Então? Como estás tu, meu amor?

DORES

Tranqüila, senhor Arcebispo. Tranqüila.

ARCEBISPO, *tomando-lhe as mãos e encarando-a*

As mãos frias... E tão pálida! Dôres... Olha para mim. Que tens tu?

DORES

Nada. Estranheza de mim mesma... Nem eu sei. Parece, senhor Arcebispo, que um mundo de coisas morreu na minha alma e outro mundo de coisas surgiu. Só desde ontem sei quem sou, o que tenho a esperar na vida, o caminho que devo seguir...

ARCEBISPO, *acariciando-a*

Será o caminho da felicidade.

DORES

Talvez o caminho da paz.

ARCEBISPO

É preciso coragem, minha filha. Basta nascer para sofrer. Há coisas irremediáveis. Foi triste o passado... Se foi! Profundamente triste. Mas o que é o passado senão uma sombra? Cinza... Devemos olhar para o futuro. E o futuro, na tua idade, com a mocidade que ainda te resta, é uma linda janela de oiro onde te podes debruçar. *(Como quem olha, ao largo)* Vê... Além... São os campos da vida. Lá ao fundo, muito longe, uma névoa... Ninguém sabe onde terminam... Ninguém! E perto, aos teus pés, debaixo dos teus olhos, vê... Tudo rosas a abrir, que o sol não crestou ainda! *(Acariciando-a)* Dôres... Minha filha... Encosta a tua cabeça ao meu ombro. Deus quer que tu sejas feliz.

DORES

Não é só o corpo que morre, senhor Arcebispo. Ah, como eu tenho procurado, cheia de saüdade, aquela alma que vivia em mim, e que desapareceu!

ARCEBISPO, *tomando nas mãos uns cravos que ainda estão sôbre a mesa*

Olha... Afinal, tu nunca puseste ao peito os cravos que eu te dei. E lembras-te? Lem-

bras-te ainda do que eu te disse? Cravo rôxo no teu peito é sinal de casamento... Toma. *(A Dôres conserva-se impassível)* Pois tu não vês como eu estou contente? Não adivinhaste, Dôres?

DORES

O quê, senhor Arcebispo?

ARCEBISPO

Dom Miguel, que saíu agora daqui, veio pedir-me... *(Rindo, para ela)* Pois não adivinhaste ainda? — Pedir-me para ser eu a casá-los... Ouves? A unir-te a êle perante Deus...

DORES, *erguendo-se*

Senhor Arcebispo!

ARCEBISPO

Pois tu não lhe queres tanto?

Começam a ouvir-se os sinos, ao longe.

DORES

Eu?

ARCEBISPO

Coitado... Vinha hoje responder à pergunta que lhe fizeste. Ontem, era impossível. Aquela perturbação, aquele pavor... Compreendes...

DORES

Bem se vê que o senhor Arcebispo nunca amou.—Peço-lhe. Em nome da afeição que me tem... Não me diga nenhuma palavra mais que me recorde o passado. Tudo terminou. Tudo morreu.

ARCEBISPO

Se êle acabou de me confessar, com as lágrimas nos olhos, que te quer agora mais do que nunca...

DORES, *numa grande expressão de dignidade*

E pensa o senhor Arcebispo que eu poderia unir-me a um homem que duvidou de mim um momento? A um homem que me julgou, por um instante só que fôsse, indigna de ser sua mulher?—Ah, não, não, senhor Arcebispo. Onde houve uma dúvida, já não há amor. Se Dom Miguel veio aqui, foi porque o dever o

trouxe. Mas eu sou muito nobre, muito desgraçada e muito orgulhosa, para aceitar esmolas de alguém...

ARCEBISPO

Mas tu és injusta, Dôres!

DORES

Só as aceitarei de si, senhor Arcebispo. Se eu decidir viver, leve-me dêstes Paços. Eu sinto que não posso tornar a ver meu pai sem repulsão e sem horror.

ARCEBISPO

Mas, filha... E o que hei de dizer ao Dom Miguel? Que hei de eu dizer-lhe? Pois tu não compreendes que êle sofre?

DORES, *dolorosamente*

Diga-lhe, senhor Arcebispo, que eu sou uma criatura gerada no impudor e na mentira... Que não nasci para amar nem para ser amada... Que para mim só há um destino coerente: é o destino de minha mãe!

CRISTOVAM, *assomando, a tactear, numa voz dolorosa*

Senhor Arcebispo! Senhor Arcebispo!

ARCEBISPO

Cristóvam!

CRISTÓVAM

Se chegasse lá baixo ao senhor Dom Diogo... Estava ao pé de mim. De repente, senti-o soluçar. Chamei-o, não respondeu. Tacteei pela capela, a ver se dava com êle. Mas, na minha escuridão, esbarrei com os altares, com as imagens, até que o encontrei caído, a chorar, junto às escadas do púlpito...

ARCEBISPO, *compreendendo, e escutando os sinos que ainda se ouvem*

Os sinos!

DORES

Não o deixe só, senhor Arcebispo. É meu pai.

ARCEBISPO

Os sinos! Foram os sinos, que êle ouviu... Há Lausperenne, lá fora! Como há trinta anos! Deus queira que esta noite não seja também fatídica!

Sai pelo fundo.

DORES

Meu pai ainda pode chorar. Eu, já não.

CRISTOVAM, *tacteando, à busca de Dôres*

Dôres...

DORES, *indo-lhe ao encontro*

Cristóvam.

CRISTÓVAM

Perdôe. Esperava-a, quando chegou o senhor Arcebispo. Depois, desci para a capela...

DORES, *tranqüilamente*

Oiça, Cristóvam. Eu tenho de abandonar esta casa, hoje, àmanhã, por estes dias, viva

ou morta. Sou uma existência condenada. Como é de crer que não possa acompanhar-me, Cristóvam, quero despedir-me de si.

CRISTÓVAM, *estranhando*

Condenada...? E o seu casamento, Dôres?

DORES

Já não se faz.

CRISTÓVAM, *com alegria mal disfarçada*

Não?—Mas condenada, porquê?

DORES

Acusam-me do crime de ter nascido. Preciso do seu conselho de irmão e de padre. Só os grandes desgraçados podem compreender-se.

CRISTÓVAM

Bemdita desgraça a minha, se pudér ser confôrto à sua!

DORES

Soube ontem, Cristóvam, tôda a história dêstes Paços e desta família.

CRISTÓVAM

Dôres! Pois soube...? Soube?

DORES

Tudo. Entrei eu mesma naquelas salas velhas e desabitadas. Ouvi tudo. *(Os olhos fixos, a face imóvel)* Tocavam os sinos, lá fora, numa noite assim, quando mataram minha mãe.

CRISTÓVAM

Então, ontem — era bem certo, Dôres! — era o sol que entrava...

DORES, *dolorosamente*

A certeza que entrava na minha alma.

CRISTÓVAM

Também eu sei tudo. Há doze anos, Dôres... Contou-mo meu pai, na hora da morte. A cara pálida, um suor de agonia, uma vela acesa nas mãos... Contou-me tudo. A abominação desta família, a fatalidade que

pesa sôbre as donatárias de Veiros... E eu ouvia, a tremer, numa agonia ainda maior do que a dêle, e rezava baixinho: «*Miserere mei Domine...*»

DORES

Então, se nada é segrêdo para si, Cristóvam, diga-me, pelo amor de Deus... Guie a minha alma. Pois é justo que eu sofra por crimes que não cometi? Que expie culpas que foram dos outros? Isto é justo? Isto é humano?

CRISTÓVAM

É a vontade de Deus. Se Deus não o achasse justo, não prolongaria nos filhos as doenças dos pais. Porque estou eu cego? Por que herdei a enfermidade de meu pai, sem ter contribuído para ela. Deus assim o quis. Se o não quisesse, Dôres, não me teria roubado a luz dos olhos...

DORES, *numa suprema expressão de ruína moral*

Por conseguinte, não vale a pena viver?

CRISTÓVAM

Para quê?

DORES

Por mais pura que eu seja, há de pesar sempre sôbre mim a sombra duma impureza?

CRISTÓVAM

Sempre.

DORES

Sou, portanto, uma criatura perdida?

CRISTÓVAM

Uma criatura ganha. Para o sacrifício.

DORES

Podia ir gritar a todo o mundo: sou honesta, sou digna, sou incapaz de atraiçoar! — e ninguém me acreditaria...

CRISTÓVAM

Ninguém.

DORES

Ah, Cristóvam! Compreendo agora a justiça da lei que me condena. Há criaturas que ressuscitam. Eu ia jurar que sinto neste momento, dentro de mim, a alma angustiada de Frei António de Jesus... — Também a êle o não acreditaram!

CRISTÓVAM

Quem me diria que tão semelhantes haviam de ser os nossos destinos! Sofrer, por culpa dos outros...

DORES

Vamos separar-nos, Cristóvam. E entretanto, nós éramos neste mundo as únicas criaturas capazes de se compreenderem.

CRISTÓVAM, *amargamente*

Não. Nós nunca nos compreendemos.

DORES

Porque diz isso?

CRISTÓVAM

Somos duas ruínas. Já não temos nada a esperar do mundo. Quem sabe o que àmanhã será feito de nós... Podemos falar agora, desassombradamente. *(Depois dum momento)* A Dôres foi o único amor da minha vida. Encheu a minha existência inteira...

DORES

Cristóvam!

CRISTÓVAM

E, entretanto, nunca o suspeitou. Nunca me compreendeu.

DORES

Lembre-se, Cristóvam, de que é padre!

CRISTÓVAM

Padre! Que vale isto, que vale esta samarra negra, perante a grandeza da dôr humana? Ámanhã separamo-nos. Posso dizer-lhe tudo. Eu fui padre, para lhe fugir. Supuz que me resignava, que esqueceria, depois de irremediàvelmente prêso a Deus, e que na minha alma desabitada ficaria apenas uma saüdade, como naquelas capelas doiradas, muito antigas, donde as imagens desapareceram... Ia cura para alguma aldeia. Podia fugir-lhe. Mas veio a cegueira... E tôda a minha vida se inutilizou. Fiquei outra vez prêso a estes Paços, à esmola de seu pai, a senti-la, a adivinhá-la junto de mim... Foi um suplício. Julguei que a cegueira me fôra dada por Deus para eu a não ver, Dôres... Mas, Senhor de misericórdia! Quanto mais cego estava, mais a via!

DORES

Cristóvam! Se a minha agonia era já tão grande, para que a veio aumentar!

CRISTÓVAM

A Dôres nem o suspeitou. E, entretanto, como os nossos destinos são semelhantes! A si,

ninguém a acreditará... Ninguém me dará a mim a luz dos olhos.

DORES, *recitando, emquanto o cego, prostrado, tem a cabeça entre as mãos*

"O santo frade escreveu nas paredes da sua cela: Morro, meu Deus, porque me não acreditaram... E, debaixo dos seus pés, abriram rosas...„ *(Dolorosamente)* Ninguém me acreditará! *(Depois dum momento, em que percorre o cordão do hábito com os dedos, numa expressão de horror)* Cristóvam... Peço-lhe. Desça à capela, e leve a meu pai êste livro. *(A um gesto do cego)* Espere... A capa é de pergaminho. Posso escrever duas palavras... *(Escreve sôbre a capa de pergaminho do livro de Frei Fernão da Soledade, que ainda está sôbre a mesa)* «Morro, porque não me acreditaram». *(Pousando a pena)* Pronto. Faça-me esta última vontade, Cristóvam.

CRISTÓVAM, *estranhando*

A sua última vontade?

DORES, *imperturbável*

Sim... Vamos separar-nos. Não tornarei a pedir-lhe mais nada. *(Saindo, com o cordão do hábito nas mãos)* — Desça devagarinho...

CRISTÓVAM

Só eu não sossego nunca... E para mim é sempre noite! *(Falando como se a Dôres ainda ali estivesse)* Mas é extraordinário! Para que quer a Dôres que eu leve êste livro a seu pai? Se é para me afastar, bem vê, tinha sido mais simples e mais caridoso dizer-mo francamente. Pesaram-lhe as minhas lágrimas. Mas, não percebo... Que palavras escreveu aqui? Diga-me... *(Numa agitação crescente)* Não responde? Não me ouve? *(Levantando-se e tacteando, numa voz dolorosa)* Dôres! Dôres! Onde está? Dôres! Ai, Deus de piedade! Pressinto uma grande desgraça! Dôres! Dôres! *(Cheio de pavor, os braços abertos, tropeçando nos móveis)* Acudam! — Dôres! — Senhor Arcebispo! — Acudam!

ARCEBISPO, *entrando pela direita*

Que foi? Cristóvam!

CRISTÓVAM, *quási sem poder falar*

A Dôres! A Dôres!

ARCEBISPO, *subindo, pela esquerda, seguido da Condada, que assoma ao fundo*

Dôres! Condada! Mas que é isto?

DOM DIOGO, *que surge pela esquerda, curvado, quási arrastando-se*

Cristóvam!

ARCEBISPO, *gritando, de dentro*

Ah! Morta! Morta!

CRISTÓVAM, *num grito*

Morta!

DOM DIOGO, *desdobrando a sua enorme figura curvada, num gesto de grandeza trágica*

Minha filha! Morta? Mas quem diz aí que a minha filha está morta? (*Atirando-se de encontro à porta da esquerda*) Arcebispo! Arcebispo!

ARCEBISPO, *recebendo-o nos braços*

Estrangulada! No cordão do hábito!—Filha da minha alma!

DOM DIOGO, *num rugido de fera, atravessando a scena, os braços erguidos, o corpo numa convulsão*

Ah!

CRISTÓVAM, *enclavinhando as mãos*

Subvenite, Sancti Dei... Occurrite, Angeli Domini...

ARCEBISPO

Como Frei António de Jesus...

DOM DIOGO, *caindo sôbre uma cadeira, a tremer, a cabeça apertada nas mãos convulsas*

Malditos sinos! Malditos sinos! (*Numa expressão de loucura, a face contraída num sorriso, os olhos vagos*) Mas extinguiu-se a família, Arcebispo! Extinguiu-se a família!

CAI O PANO

PORTUGAL-BRASIL L.DA

SOCIEDADE EDITORA

38, Rua Garrett, 60 — LISBOA

ALBERTO D'OLIVEIRA
Na Outra Banda de Portugal ..... 2$50
ALBERTO TELLES
Camilo na Cadeia ..... 4$00
ALFREDO APELL
Contos Populares Russos .... 3$00
ALMACHIO DINIZ
A Perpetua Metropole ..... 4$00
ANTONIO CABRAL
Camilo Desconhecido, broc... 5$00
Eça de Queirós ..... 5$00
ANTONIO GRANJO
A Grande Aventura ..... 4$00
AUGUSTO DE CASTRO
Conversar ..... 2$00
BAZILIO TELLES
A Sciência e o atomismo .... 4$00
CARLOS BABO
A Sombra de D. Miguel ..... 3$50
Amor Perfeito ..... 4$50
CARLOS MALHEIRO DIAS
A verdade Nua, (2.ª ed.) ..... 4$00
Carta aos Estudantes ..... 1$00
A Esperança e a Morte ..... 3$00
COELHO DE CARVALHO
A Eneida de Virgilio ..... 8$00
CONDE D'ARNOSO
Azulejos, nova ed ..... 4$00
CONDE DE SABUGOSA
Neves de Antanho, (2.ª ed.).. 5$00
Gente de Algo (2.ª ed.) .. .. 6$00
Donas de tempos idos, (3.ª ed.) 4$00
Embrechados (3.ª ed.)..... 5$00
EDUARDO DE AGUILAR
Tragedias de Roma ..... 8$00
EDUARDO SCHWALBACH
A Historia da Carochinha 1$50
EGAS MONIZ
Um ano de politica ..... 3$50
EMMANUEL LASSERRE
Os Delinquentes Passionaes.. 4$00
H. LOPES DE MENDONÇA
Sangue Português (2.ª ed.)... 4$00
Gente Namorada (2.ª ed.).... 4$00
Lanças n'Africa ..... 4$00
Capa e espada ..... 4$00
Fumos da India ..... 4$00
JOÃO DE CASTRO
Jornadas no Minho ..... 6$00
A Comedia de Lisboa ..... 6$00
JOÃO DO RIO
Rosario da Ilusão ..... 3$50
Correspondencia de uma estação de cura (2.ª ed.)..... 3$00
JULIO DANTAS
Como elas amam (3.ª ed.).... 5$00
Espadas e Rosas, (4.ª ed.)..... 5$00
Mulheres, (5.ª ed.)..... 5$00
Sonetos (4.ª ed.)..... 3$00
Abelhas doiradas, (2.ª ed.) .. 5$00
Ao ouvido de M.me X (4.ª ed.) 5$00
Os galos de Apollo ..... 5$00
Êles e Elas (3.ª ed.) ..... 5$00
Arte de Amar .. .. 5$00
L. XAVIER BARBOSA
Cem Cartas de Camillo ..... 10$00
MANUEL DA SILVA GAIO
De Roma e suas conquistas.. 3$50
MARIA A. VAZ DE CARVALHO
Paginas escolhidas ..... 4$00
Scenas do seculo XVIII em Portugal ..... 4$00
MAYER GARÇÃO
Os Cem Sonetos (prefacio) 2.ª ed. 4$00
OSCAR LOPES
Seres e sombras ..... 4$00
PAULO DE GARDENIA
Lecticia ..... 4$00
SAMUEL MAIA
Sexo Forte ..... 4$00
Entre a vida e a morte ..... 3$00
SOUSA COSTA
Paginas de Sangue ..... 4$00
Fructo Proibido (2.ª ed.) .... 4$00
Milagres de Portugal ..... 3$50
Ressurreição dos mortos (2.ª) 4$00
Romeu e Julieta (3.ª ed.)..... 4$00
Coração de Mulher (3.ª ed.). 4$00
STUART TORRIE
Secretario Comercial da Língua Ingiesa, cart ..... 5$00

Theatro:

H. LOPES DE MENDONÇA
Nó Cégo, 3 actos ..... 2$00
JULIO DANTAS
A Severa ..... 5$00
D. João Tenorio, 6 actos..... 5$00
Rosas de todo o ano ..... 1$00
1023, episodio em verso..... 1$00
Auto de El-Rei Seleuco ..... 1$50
Um serão nas Larangeiras... 5$00
A Castro ..... 1$50
Sóror Mariana ..... 1$00
D. Beltrão de Figueirôa ..... 1$50
Primeiro beijo ..... 1$00
MARCELINO MESQUITA
Almas doentes, 2 actos..... 2$00
SOUSA COSTA
Frei Satanaz ..... 1$50